

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ÁLVARO RUTKOSKI DIDIO

**POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO
ENSINO SUPERIOR: UMA DESCRIÇÃO DO CENÁRIO ATUAL DA UFRGS**

PORTO ALEGRE
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ÁLVARO RUTKOSKI DIDIO

**POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO
ENSINO SUPERIOR: UMA DESCRIÇÃO DO CENÁRIO ATUAL DA UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria K.S. Welp

PORTO ALEGRE
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rutkoski Didio, Álvaro
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS PARA A
INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA
DESCRIÇÃO DO CENÁRIO ATUAL DA UFRGS / Álvaro
Rutkoski Didio. -- 2018.
38 f.
Orientadora: Anamaria K. S. Welp.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa
e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Internacionalização. 2. Políticas Linguísticas.
3. Ensino Superior. 4. Línguas Adicionais. I. K. S.
Welp, Anamaria, orient. II. Título.

ÁLVARO RUTKOSKI DIDIO

**POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO
ENSINO SUPERIOR: UMA DESCRIÇÃO DO CENÁRIO ATUAL DA UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria K.S. Welp

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Anamaria K. S. Welp
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Simone Sarmento
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Me. Alexandre Ferreira Martins
Université Paul-Valéry Montpellier 3

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família. Agradeço aos meus pais, Francisco e Cristina, pelo amor e pelo apoio incondicionais em todas as etapas e decisões da minha vida. Sem eles e sua dedicação aos filhos, eu não teria acesso às oportunidades que hoje fartamente me cercam. Agradeço também a meus irmãos, Eduardo e Isadora, pela paciência, encorajamento e acolhimento que sempre me proporcionam.

Em segundo lugar, agradeço à minha orientadora ou mãe acadêmica, Ana Welp, quem eu profundamente admiro e que desde 2015 me tem como assistente de pesquisa e filho acadêmico. Seus esforços e carinho para que tenhamos sucesso são extraordinários. Todas as grandes portas da minha trajetória acadêmica foram abertas por ela. Entre a minha família, inclusive, ela é conhecida como minha Fada Madrinha.

Agradeço aos meus amigos da graduação, com quem dividi quase todas as cadeiras desde 2014. Foi uma jornada longa, e fico feliz e grato por ter conhecido pessoas tão fenomenais quanto meus colegas de barra. Espero tê-los comigo por grande parte da minha vida.

Agradeço também a todos os professores que tive no curso de Letras. Com certeza, eles impactaram na minha formação acadêmica e pessoal, e me prepararam para este momento em que elaboro meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço, por fim, a todas as pessoas que compõem a instituição UFRGS e que lutam para que tenhamos instituições de excelência acadêmica, públicas, gratuitas e de qualidade. Estudar aqui tem sido uma das etapas mais significativas e felizes da minha vida. Que a UFRGS possa continuar sendo, e que seja cada vez mais, o lugar de todos.

RESUMO

No contexto crescente de globalização e consequente internacionalização do ensino superior (KNIGHT, 2008), as universidades brasileiras têm cada vez mais se esforçado para dar conta das demandas multilinguísticas do século 21. Entre as diversas ações que são promovidas ou recebidas por essas instituições, destacam-se neste trabalho aquelas que envolvem línguas adicionais. Partindo dos conceitos de Globalização, de Internacionalização e Internacionalização em Casa (KNIGHT, 2008; TEEKENS, 2013), de Políticas Linguísticas (SPOLSKY, 2004; GARCEZ, SCHULZ, 2016; DAFOUZ, SMIT, 2014) e de Ecologia Linguística (HAUGEN, 1972; GARNER, 2005; CHEN, 2016), o objetivo deste trabalho é descrever ações que envolvem línguas adicionais voltadas para, ou que culminam na, internacionalização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao final, é proposta uma discussão que aproxima a teoria às ações correntes e à prática e são destacados pontos comuns e relevantes para o escopo deste trabalho. Espera-se que este trabalho contribua com a elaboração de uma política linguística institucional para a UFRGS. Conclui-se que o processo de internacionalização dessa instituição organiza-se de forma orgânica e espontânea. Como fruto de debates recentes, práticas e iniciativas de diferentes agentes da comunidade acadêmica, procura atender demandas internacionais e investir em ações locais.

Palavras-chave: Internacionalização; Políticas Linguísticas; Ensino Superior; Línguas Adicionais

ABSTRACT

In the growing context of globalization and the consequent internationalization of higher education (KNIGHT, 2008), Brazilian universities are increasingly striving to meet the multilingual demands of the 21st century. Among the various actions that are promoted or received by these institutions, those involving additional languages are highlighted in this paper. Based on the concepts of Globalization, Internationalization and Internationalization at Home (KNIGHT, 2008, TEEKENS, 2013), Language Policies (SPOLSKY, 2004, GARCEZ, SCHULZ, 2016, DAFOUZ, SMIT, 2014), and Language Ecology (HAUGEN, 1972; GARNER, 2005; CHEN, 2016), the objective of this work is to describe actions that involve additional languages that aim at, or culminate in, the internationalization of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) is presented. At the end, a discussion that brings theory closer to current actions and practice is proposed, and common and relevant points within the scope of this work are highlighted. It is hoped that this work contributes with the elaboration of an Institutional Language Policy for UFRGS. It is concluded that the process of internationalization at UFRGS is organized in an organic and spontaneous way. As a result of recent debates, practices and initiatives of different agents of the academic community, it seeks to meet international demands and invest in local actions.

Key words: Internationalization; Language Policies; Higher Education; Additional Languages.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

TABELA 1 - Relação Línguas, Cursos e Disciplinas do currículo do curso de Letras.....	22
TABELA 2 – Relação Disciplinas, Semestre e Línguas em que Disciplinas Forma Ministradas.....	23
TABELA 3 – Relação entre línguas e modalidades de curso (IsF).....	25

LISTA DE ABREVIACÕES

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPI - Curso Autoformativo de Português para Intercâmbio

CAPLE - Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Línguas Estrangeiras

CELPE-BRAS - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

CEPI - Curso de Espanhol e Português para Intercâmbio

EDUFRGS - Escola de Desenvolvimento de Servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

EL - Ecologia Linguística

ETA - Assistente de Ensino de Inglês (*English Teaching Assistant*)

FAUBAI - Associação Brasileira de Educação Internacional

HSK - Hanyu Shuiping Kaoshi

IES - Instituição de Ensino Superior

IsF - Idiomas sem Fronteiras

LA - Linguística Aplicada

MEC - Ministério de Educação

NELE - Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão

NET - Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva

NucLi - Núcleo de Línguas

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional

PL - Políticas Linguísticas

PLA - Português como Língua Adicional

PPE - Português para Estrangeiros

PPG - Programa de Pós-Graduação

TOEFL ITP

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Motivação do estudo.....	13
1.2 Objetivos do estudo.....	14
1.3 Metodologia do estudo.....	14
1.4 Organização do estudo.....	15
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
2.1 Globalização, Internacionalização e Internacionalização em Casa.....	15
2.2 Políticas Linguísticas.....	18
2.3 Ecologia Linguísticas.....	20
3 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES.....	21
3.1 Disciplinas da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras.....	22
3.2 Programa Idiomas sem Fronteiras.....	24
3.3 Programa de Português para Estrangeiros.....	25
3.4 Instituto Confúcio.....	26
3.5 Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão.....	27
3.6 EDUFRGS.....	27
3.7 Assistentes de Ensino de Língua Inglesa.....	28
3.8 Curso de Espanhol e Português para Intercâmbio.....	29
3.9 Curso Autoformativo de Português para Intercâmbio.....	29
3.10 Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Línguas Estrangeiras	30
3.11 Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.....	30
3.12 <i>Hanyu Shuiping Kaoshi</i>	31
3.13 <i>Test of English as a Foreign Language</i>	31
3.14 <i>Certificado de Español Lengua y Uso</i>	32
3.15 Empresa Júnior de Tradução e Revisão do Bacharelado em Letras.....	32
3.16 Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva.....	32
3.17 Jornada de Políticas Linguísticas para Internacionalização.....	33
4 DISCUSSÃO.....	34
4.1 Limitações.....	36
5 CONCLUSÃO.....	36
6 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Nunca antes a internacionalização esteve tão presente nos debates que cercam o ensino superior brasileiro. Talvez pelo fato de as universidades brasileiras terem, por tanto tempo, estado atentas apenas às necessidades internas e nacionais (SARMENTO *et al.*, 2016), ou por terem deliberadamente escolhido não se internacionalizar (ALPERIN, 2013), por muito tempo pouca atenção foi dada ao contexto científico internacional e, como uma consequência disso, a participação acadêmica do Brasil em um mundo mais globalizado nunca foi muito significativa. No entanto, com as crescentes e cada vez mais presentes demandas da globalização, o cenário parece estar mudando: debates acerca da internacionalização das instituições de ensino (IES) brasileiras têm ocupado um lugar cada vez mais frequente, se não de grande destaque, nos discursos da educação terciária.

Algumas consequências desses discursos de ordem nacional e local são, por exemplo, o recente edital da CAPES intitulado “Programa Institucional de Internacionalização – CAPES - PrInt” e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2016-2016 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O primeiro tem por um de seus objetivos “fomentar o desenvolvimento de Planos Estratégicos de Internacionalização como meio de melhorar a qualidade dos cursos de pós-graduação brasileiros e de conferir maior visibilidade à pesquisa científica realizada no Brasil”¹. O segundo faz um significativo apelo à internacionalização, enquadrando-a como um valor da UFRGS, e tendo uma universidade cada vez mais internacionalizada como uma meta a ser atingida. Assim, no contexto dessas discussões sobre, e consequências da, internacionalização do ensino superior, naturalmente, nascem certas práticas.

As práticas ou ações institucionais que resultam na internacionalização são muitas e múltiplas. Elas podem ser explicitamente voltadas para esse propósito, ou podem apenas nele culminar. Além disso, acontecem em determinados contextos, são promovidas e executadas por diferentes pessoas que carregam diferentes crenças sobre línguas que, em última análise, fazem escolhas. Ao falar em contexto, crenças, práticas e escolhas concernentes a línguas, especialmente dentro de uma instituição de ensino com demandas linguísticas emergentes, cabe falar em Políticas Linguísticas, e também em Ecologia Linguística. Esta última nos informa acerca de contextos multilíngues, acadêmicos ou não, ou que estão se encaminhando para esse fim, e nos convida a considerarmos línguas como organismos e comunidades como ambientes

¹ Fonte: <https://goo.gl/yWbjpN>

em que tais línguas ocupam determinados espaços, detém determinados valores, e que são promovidas ou exigidas. Portanto, no contexto de uma Instituição de Ensino Superior em processo de internacionalização, as línguas e ações concernentes ocupam um papel central e basilar. Para Abreu-e-Lima *et al.* (2016), as línguas são nada menos do que “veículo[s] pelo[s] qua[is] a internacionalização se processa.” (p.74).

Interessantemente, Sarmento e Baumvol (2018) corroboraram essa pauta quando investigaram o papel das línguas na internacionalização do ensino superior brasileiro, ao analisar os programas das últimas cinco edições da conferência anual da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI)². Motivadas por uma percepção de que a linguística aplicada (LA) estava se fazendo cada vez mais presente nessas conferências, as autoras descobriram que 22 apresentações relacionadas a questões de língua foram feitas em 2017, ao passo que em 2013 elas haviam sido apenas duas, revelando um crescimento substancial na presença da LA na FAUBAI.

Nesse contexto, entendendo a centralidade das línguas nesse processo, e também entendendo políticas linguísticas como escolhas (GARCEZ, SCHULZ, 2016), um olhar atento e descritivo para as diferentes ações institucionais voltadas à ou que culminam na internacionalização da UFRGS, e que envolvem língua, podem revelar um universo de crenças e necessidades dessa comunidade acadêmica. É importante notar que, composta de pessoas, a instituição UFRGS faz escolhas ao promover, oferecer, cobrar, exigir, testar línguas em diferentes instâncias de seu universo acadêmico. O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar um levantamento e uma descrição dessas ações, seus propósitos e natureza, a fim de lançar um olhar teórico sobre elas, dado que é a partir das ações que a comunidade acadêmica interage entre si e com o mundo.

É importante notar, no entanto, que as ações descritas neste trabalho não passaram a existir em função de um documento norteador ou de uma política linguística explícita e publicada pela universidade. Todas foram elaboradas e são performadas por diferentes pessoas, em diferentes momentos e contextos, revelando igualmente diferentes necessidades e crenças da comunidade acadêmica. Nesse contexto, este trabalho também visa auxiliar na construção de uma política linguística institucional para a UFRGS, oferecendo contribuições para a elaboração desse documento ao trazer à luz as ações já desempenhadas ou recebidas pela

² Desde 1988, a FAUBAI organiza encontros anuais para debater a internacionalização do ensino superior brasileiro. Começando suas atividades com o tímido tema “Os programas de cooperação internacional”, a associação chegou à 2018 com: “Internacionalização e Pesquisa: Desafios e Estratégias”. Fonte <http://faubai.org.br/pt-br/>

universidade, especialmente aquelas que têm por propósito ou que culminam diretamente na internacionalização. Trazendo essas ações para esta discussão, um documento norteador como uma Política Linguística Institucional pode (e deve) considerar seu contexto de produção, e orientar tanto as ações já correntes quanto futuras, a serem elaboradas.

1.1 Motivação

Meu interesse por ações voltadas para a internacionalização do ensino superior brasileiro data desde o ano de 2014, quando ingressei na graduação e fui selecionado para compor o programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Através do programa — promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Ministério da Educação (MEC), e cujo objetivo é “promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do Ensino Superior Brasileiro”³ —, atuei como professor de inglês, sendo um agente direto da internacionalização desta comunidade acadêmica. Desde o início da minha trajetória universitária, portanto, faço parte de ações voltadas para a internacionalização que envolvem língua, e hoje, entendendo sua primazia para uma universidade mais internacionalizada, me vejo profundamente interessado por elas.

Aliado a essas experiências profissionais, também tive a oportunidade de participar de dois programas de intercâmbio, através dos quais integrei contextos internacionais onde universitários de diferentes partes do mundo, e portanto de diferentes culturas e primeiras línguas, se valiam todos de uma mesma língua comum para se comunicar e assim desempenhar diferentes funções, acadêmicas e de convivência cotidiana. Experimentei em primeira mão processos de internacionalização, tendo sido acolhido por instituições de ensino superior e programas com fortes componentes acadêmicos, nos quais tínhamos propósitos de formação acadêmica e profissional bem definidos.

Além disso, a seleção das ações descritas neste trabalho é um resultado de toda minha trajetória acadêmica nesta instituição e de meu envolvimento com esse contexto. Por ter estado sempre presente em debates de internacionalização da UFRGS, acabei conhecendo e me interessando pelo assunto através das disciplinas que cursava, eventos de que participava ou que organizava, oportunidades de trabalho que aceitava, entre muitos outros.

³ Fonte: <https://goo.gl/kdxqTB>

Assim, exatamente por ter tido acesso a essas experiências que me capacitaram pessoal, acadêmica e profissionalmente, e que hoje moldam meus interesses de pesquisa e refletem minha trajetória na universidade, pretendo me debruçar sobre os estudos de internacionalização do ensino superior, tendo por foco e contexto a UFRGS e as ações nela desempenhadas.

1.2 Objetivos do estudo

O objetivo geral deste trabalho é descrever as diversas ações promovidas ou recebidas pela UFRGS que envolvem língua e que ou têm a internacionalização por propósito ou que nela diretamente culminam. Já seus objetivos específicos são lançar um olhar teórico sobre as ações já correntes na universidade, destacando pontos em comum e relevantes para o escopo deste trabalho; e, assim, oferecer contribuições para a elaboração de uma política linguística institucional para a UFRGS.

1.3 Metodologia

As ações que são descritas neste trabalho foram escolhidas por terem sido conhecidas por mim na minha trajetória acadêmica, tendo eu ocupado a posição de aluno da graduação em Letras, de professor de inglês no programa Idiomas sem Fronteiras ou de participante das Jornadas de Políticas Linguísticas voltadas para a Internacionalização, futuramente descritas neste trabalho. Todas as ações envolvem línguas adicionais, seja no ensino, nos níveis de graduação, pós-graduação, envolvendo extensão, mobilidade acadêmica, testes de proficiência, ou como revisão e tradução de textos em línguas adicionais.⁴

Para a descrição das ações, consultas online foram feitas aos seus principais sites, sobretudo os institucionais. Publicações relacionadas às ações também foram consultadas, com o propósito de angariar maiores detalhes sobre as ações.

As ações que serão descritas são listadas abaixo:

- Disciplinas da graduação e do PPG Letras
- EDUFRGS

⁴ Reconhece-se a relevância que as publicações em línguas adicionais, notadamente em inglês, ocupam no processo de internacionalização. No entanto, dados que revelassem quantas publicações em línguas adicionais foram produzidas pela comunidade acadêmica da UFRGS não foram encontrados. Ainda assim, vale notar que, de acordo com o estudo de Santos (2015), a UFRGS se manteve por 5 anos (2017-2014) entre as 500 melhores universidades do mundo nos rankings NTU e LEIDEN. Esses sistemas de ranqueamento têm por única dimensão de avaliação a pesquisa, e seus indicadores verificam desempenho em produtividade, impacto e excelência de pesquisa (NTU), e impacto e colaboração internacional (LEIDEN).

- CAPLLE
- Textualiza
- Programa IsF
- ETA
- CELPE-BRAS
- NET
- PPE
- CEPI
- HSK e HSKK
- Jornadas de Políticas Linguísticas para Internacionalização
- Instituto Confúcio
- CAPI
- TOEFL ITP
- NELE
- CELU

1.4 Organização do estudo

Este estudo está dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo apresentou a introdução, a motivação, os objetivos, a metodologia e a organização deste trabalho. No segundo capítulo, os pressupostos teóricos que fundamentam a descrição das ações são abordados, a saber: Globalização, Internacionalização e Internacionalização em Casa, Políticas Linguísticas e Ecologia Linguística. O capítulo três é dedicado à descrição das ações que corroboram a internacionalização da UFRGS. O quarto capítulo propõe uma discussão que aproxima a teoria às ações correntes e à prática, além de destacar pontos relevantes para o escopo deste trabalho. O quinto capítulo apresenta a conclusão e menções às limitações deste estudo. Por fim, no capítulo seis são encontradas as referências.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Globalização, Internacionalização e Internacionalização em Casa

Dafouz e Smit (2014) apontam que, embora a natureza global das universidades sempre se fez presente, nos últimos 20 anos parece ter havido um aumento significativo no número

de alunos nacionais (de diferentes regiões) e internacionais nas instituições de ensino superior (IES). Nesse contexto, as populações universitárias do mundo todo se mostram maiores e muito mais heterogêneas do que as do passado, apresentando significativas diferenças linguísticas, culturais e acadêmicas, o que as autoras atribuem às forças crescentes da internacionalização e da globalização. A saber, de acordo com Knight (2008), globalização pode ser entendida como “o fluxo de pessoas, culturas, ideias, valores, conhecimento, tecnologia e economia através das fronteiras nacionais, resultando em um mundo mais interconectado e interdependente.”(p.4)⁵. Já a internacionalização, por outro lado, se diferencia da globalização por “integrar uma dimensão global, uma intercultural e uma internacional às funções e aos propósitos (ensino, pesquisa e extensão) da educação superior nos níveis institucionais e nacionais.”(p. xi)⁶. Em síntese, enquanto a globalização foca nas fronteiras e no movimento das pessoas entre elas, a internacionalização foca nas relações entre as nações que se organizam em fronteiras.

Ambos movimentos estão cada vez mais presentes e sendo demandados na educação superior do século XXI. Uma das principais razões para que uma instituição engaje em internacionalizar-se é a preparação dos alunos universitários que sejam internacionalmente bem informados e interculturalmente competentes, capazes de viver e trabalhar em comunidades culturalmente diversas, tanto no país de origem quanto no exterior - ou seja, aptos a melhor viver e operar em um mundo cada vez mais globalizado (KNIGHT, 2008). Outras razões incluem a criação e o estabelecimento de uma rede de contatos através da qual se possa compartilhar responsabilidades globais, tendo por objetivo um mundo mais justo e igualitário (TESSLER, 2010). Nessa pauta, Knight (2008) pontua questões como a degradação do meio-ambiente, segurança, aquecimento global, entre outras, como tópicos globais e portanto responsabilidades do ensino superior no que toca pesquisar, analisar e ensinar sobre tais questões. Em última análise, a internacionalização não deve ser vista como um fim, mas como um meio através do qual possamos atingir determinados objetivos, sendo um dos principais a própria qualidade do ensino superior e toda a responsabilidade que ele envolve (SARMENTO *et al.*, 2016). Nesse contexto, algumas possíveis estratégias e aspectos da internacionalização das universidades podem incluir projetos de cooperação e desenvolvimento internacionais; acordos institucionais e redes de contato entre universidades; o estudo de línguas adicionais; a mobilidade de acadêmicos através de intercâmbios, trabalhos de campo, extensão e trabalhos

⁵ No original: “Globalization is the flow of people, culture, ideas, values, knowledge, technology, and economy across borders resulting in a more interconnected and interdependent world.” (KNIGHT, 2008, p.4)

⁶ No original: “Internationalization of higher education is the process of integrating an international, intercultural, and global dimension into the purpose, functions (teaching, research, and service), and delivery of higher education at the institutional and national levels.” (KNIGHT, 2008, p. xi da introdução)

de consultoria; o recrutamento/agenciamento de alunos internacionais; a atenção à dimensão internacional/intercultural do processo de ensino/aprendizagem, currículo e pesquisa; entre muitos outros.

Algumas dessas estratégias, como o estudo de línguas adicionais no campus, por exemplo, configuram uma modalidade específica de internacionalização: a Internacionalização em Casa (IeC) (TEEKENS, 2013), que toma grande relevância neste trabalho. Para o autor, esse processo tem relação com aspectos e ações que acontecem no próprio campus, ampliando a cansativa ênfase dada somente à mobilidade acadêmica - que não é nem acessível à maioria dos alunos nem a vontade de todos -, como muitas vezes o processo de internacionalização é entendido. Corroborando Teekens, Knight (2008) também conceitua IeC ao dizer que tais estratégias devem incluir dimensões interculturais e internacionais no processo de ensino e aprendizagem, na pesquisa e em atividades extracurriculares. É sobre essas ações, principalmente, que este trabalho se debruça.

A UFRGS cada vez mais vem se encaixando em modelos de universidades internacionalizadas, tendo seu próprio Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)⁷ 2016-2026, parecendo caminhar em direção a essa tendência do ensino superior. O próprio termo *internacionalização* é abordado com frequência no documento institucional e ocupa diferentes e múltiplas seções; algumas delas são a internacionalização como um valor da UFRGS, como relevante para o futuro, como uma política de ensino, pesquisa e de extensão a ser ampliada e debatida, e como carente de suporte interno. Além dessas, e em especial para este trabalho, o PDI discute a necessidade de novas iniciativas de internacionalização, do aumento do caráter multilinguístico de ações da universidade, e de aperfeiçoamentos de caráter multilinguístico do corpo docente.

No entanto, cabe ressaltar que, quando nos referimos à internacionalização do ensino superior brasileiro, ainda estamos dando nossos primeiros passos (SARMENTO *et al.*, 2016), se compararmos às universidades de países norte-americanos ou europeus, de onde vem uma parte significativa do nosso aporte teórico. Assim, há um esforço deliberado e consciente de aproximar os diferentes contextos, com o propósito de alavancar os processos de internacionalização nas nossas universidades ao estudar-se diferentes contextos acadêmicos em que esse processo já toma proporções significativamente maiores.

Por fim, entende-se a preocupação da universidade com sua internacionalização. Todas os planejamentos, decisões e ações que envolvem língua e internacionalização nos remetem a

⁷ Disponível em: <https://goo.gl/4tps8y>

políticas linguísticas. Assim, a próxima subseção apresenta um panorama teórico sobre o assunto.

2.2 Políticas Linguísticas

As políticas linguísticas (PL) figuram no nosso cotidiano com mais frequência do que muitos podem imaginar. Para Garcez e Schulz (2016), ao ouvir o termo “políticas linguísticas”, a maioria das pessoas pensaria em leis, documentos oficiais e portarias, que de fato existem e compõem nossa sociedade e suas instituições; no entanto, políticas linguísticas podem ser também compreendidas como escolhas, práticas e decisões que tomamos com relação a línguas e suas ações resultantes. Nas palavras dos autores:

[...] onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há **decisões**, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas **escolhas** – assim como as **discussões que levam até elas** e as **ações que delas resultam** – de políticas. (p.2) (grifos meus)

Escolhas, discussões e ações sendo entendidas como políticas - tácitas ou explícitas, publicadas ou apenas operantes em uma comunidade - podem ser compreendidas e descritas também no contexto institucional da educação terciária. Nesse cenário, elas podem significar uma gama de escolhas que envolvem quais línguas promover, testar ou exigir, por exemplo, assim como de quais instrumentos se valerá e quem estará capacitado para desempenhar tais ações. Assim, neste trabalho, ações e políticas linguísticas serão tomadas por sinônimos.

Também é relevante considerarmos que, de acordo com Ferguson (1977), todas as atividades de políticas linguísticas - ou planejamento linguístico - acontecem em um determinado contexto sociolinguístico, e que a natureza e o escopo dessas políticas só podem ser entendidos com relação a esse contexto. Assim, parece natural que se tenha por cenário uma universidade - neste trabalho, a UFRGS - e algumas das ações desempenhadas pela instituição. Dessa forma, cabe entender mais profundamente a natureza das PL a fim de se lançar uma luz teórica sobre essas ações que envolvem línguas e que são correntes nesta universidade.

Em um primeiro momento, cabe dizer que políticas detêm naturezas complexas; são concebidas, reconcebidas e gerenciadas de forma caótica e não linear, em contextos e com propósitos diferentes (BOWE, BALL, GOLD, 1992). De acordo com esses autores, os contextos pelos quais perpassam as políticas são três: o de [1] influência, no qual elas são construídas; o de [2] produção do texto e, portanto, da concepção da política; e o de [3] prática,

que é o contexto de implementação e que pode divergir da política primeiramente planejada.⁸ Nesse enquadramento, podemos presumir que as diversas ações descritas neste trabalho são cunhadas em diferentes momentos da história da instituição, revelando diferentes necessidades e vontades dos sujeitos que a compõem. Esses sujeitos engajaram em discussões que resultaram em práticas que envolvem línguas. É a partir de (ou dessas) práticas que podemos melhor perceber as políticas linguísticas de uma comunidade (SPOLSKY, 2004) ou, no caso deste trabalho, de uma instituição.⁹ Vale ressaltar que as ações descritas não foram nem criadas nem são gerenciadas tendo por norte um documento institucional, revelando ainda mais sua natureza orgânica e espontânea.

Outro aspecto relevante das PL é o que Spolsky (2004) aponta como três componentes essenciais: gestão, prática e crenças de linguagem. O primeiro lida com esforços deliberados para manipular uma situação linguística - oferecer ensino de e testar diferentes línguas -; o segundo foca nas escolhas sociolinguísticas de um indivíduo e no padrão habitual de seleção de variedades que compõem o repertório linguístico de uma comunidade - alunos que não têm o português como primeira língua aprendendo português acadêmico, por exemplo -; e o terceiro diz respeito às ideologias e crenças que a comunidade tem em relação ao uso e às práticas linguísticas - que lugares essas línguas ocupam, quais são as mais e menos desejadas em determinados contextos, quais serão exigidas como pré-requisito para um programa de pós-graduação (PPG), entre outros.

Da mesma forma, também são relevantes as noções de agência nas PL (GARCEZ, SCHULZ, 2016), entendendo que “entre concepção, formulação e implementação, são diversos os caminhos e os atores envolvidos”(p.7)¹⁰, corroborando o caráter múltiplo e distinto dessas ações. Para Dafouz e Smit (2014), “um número significativo e uma variedade de agentes tomam parte no planejamento, implementação e avaliação de políticas linguísticas em instituições de ensino superior no mundo todo.”(p.10)¹¹. Dessa forma, diferentes instâncias e pessoas da universidade ou promoveram ou acolheram as ações descritas neste trabalho. Não só *qual* língua, e *como* vai ser oferecida, exigida ou testada, mas também *quem* vai propor ou acolher essas ações na universidade importam quando consideramos Políticas Linguísticas, bem como quais consequências e resultados se esperam dessas escolhas.

⁸ Importante ressaltar que não há uma ordem hierárquica entre os contextos. As políticas continua, constante e ciclicamente passam os três contextos.

⁹ A relação comunidade acadêmica e comunidade de fala será melhor explicada na seção seguinte.

¹⁰ (GARCEZ, SCHULZ, 2016, p.7)

¹¹ No original: “A significant number and variety of agents take part in the planning, implementation, and assessment of language policies in higher education institutions worldwide.” (DAFOUZ, SMIT, 2014, p.10)

Para melhor percebermos o todo, o contexto e os agentes dessas ações, algumas noções da Ecologia Linguística, na seção a seguir, portanto, podem vir em auxílio de uma descrição mais bem informada.

2.3 Ecologia Linguística

A perspectiva da Ecologia Linguística (EL) parece favorecer a descrição de um contexto que se propõe - ou que está buscando ser - cada vez mais multilíngue, como é o caso da UFRGS (UFRGS, 2016). Haugen (1972), que primeiro cunhou o termo ecologia linguística numa analogia com o mundo natural, propôs que línguas sejam entendidas como organismos, e suas comunidades como ambientes, ambas em constante interação e tendo impacto uma na outra. Aliado a este autor, Chen (2016) floresce essa definição ampliando os conceitos e sua aplicabilidade, considerando contextos em que mais de uma língua é falada, e propondo uma EL que compreenda diferentes contextos multilíngues presentes no mundo e que os entenda como sistemas ecológicos - o que é o caso de IES.

Valendo-se da Ecologia Linguística, Dafouz e Smit (2014) percebem seu contexto universitário multilíngue de forma orgânica, em que os alunos, usando as línguas que sabem e as que estão aprendendo, vão alcançando sucesso nas esferas acadêmicas. Quando essa perspectiva é trazida para o contexto da educação superior brasileira, que tem demandas acadêmicas similares, afirma-se e reforça-se a necessidade de ações que envolvam língua e aquisição de línguas adicionais. Felizmente, isso tem sido cada vez menos deixado de lado para estudantes brasileiros: tão importante quanto publicar trabalhos em português, por exemplo, é, se não mais, publicar em inglês (SARMENTO *et al.*, 2016).

Ainda no plano global, no contexto de educação superior, precisa-se “reconhecer a inter-relação dinâmica entre línguas (funções e formas) e seus habitats acadêmicos, até porque eles contêm, e são construídos por, acadêmicos, alunos e administradores em seus espaços reais e virtuais dentro da universidade.” (DAFOUZ, SMIT, 2014, p.4)¹². Nesse sentido, o ambiente é tido como a própria comunidade¹³, que traz consigo suas crenças, necessidades e atitudes em relação às línguas, legitimando ou não seu espaço no contexto universitário. Assim, além de

¹² No original: “an ecolinguistic perspective needs to recognize the dynamic interrelatedness between the relevant languages (functions and forms) and their academic habitats, not least because these contain, and are constructed by, academics, students, and administrators in their actual and virtual university spaces.” (p.4)

¹³ Para Spolsky (2004): “pessoas e sociedades são o ambiente.”. No original: “people and societies are the environment.” (SPOLSKY, 2004, p.7).

atestada a natureza multilíngue do ensino superior no século XXI, o conceito de comunidade como ambiente ganha uma certa especificidade no contexto acadêmico.¹⁴

Além disso, mais uma razão para considerarmos a perspectiva da EL no ensino superior é que, de acordo com Garner (2005), ela se ocupa de fenômenos que podem ser descritos de forma holística, dinâmica, interativa e situada. Holística, pois preocupa-se com sistemas completos e complexos, com o todo; dinâmica, pois compreende as partes como fluidas, carregando características e identidades cambiantes e que estão sistematicamente integradas; interativa, pois abarca a interação das línguas com o contexto social e cultural, a interação entre pessoas, suas diferentes escolhas e ações em relação a línguas; e situada, pois independentemente do objeto de estudo, físico ou intangível, o contexto é sempre relevante para o fenômeno. Essa abordagem parece ideal quando se propõe a descrever ações que envolvem línguas, tanto promovidas quanto recebidas pela UFRGS. Nessa perspectiva ecológica, embora entendamos as limitações de tempo e espaço deste trabalho, queremos olhar para o todo, atentos à fluidez das partes e à interação da comunidade com as línguas, que estão situadas em um contexto específico.

Por fim, nesse enquadramento, escolher uma comunidade acadêmica com diferentes e relevantes ações que envolvem língua e que a têm impactado positivamente (SARMENTO *et al.*, 2016) nos parece adequado e pertinente dentro deste aporte teórico. Enfim, nos alinhamos também à Chen (2016) na intenção de promover a consciência e a importância de múltiplas línguas: “reconhecidamente, não há dúvida de que explorações teóricas em sistemas linguísticos e suas semelhanças com sistemas ecológicos podem promover consciência multilinguística ou desencadear uma visão holística em interações humanas”(p.13)¹⁵.

3 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

¹⁴ Entende-se que, quando ecologistas da língua referem-se à comunidade, querem dizer comunidade de fala (CF), e uma proposição possível é a de Spolsky (2004, p.9): “qualquer grupo de pessoas que compartilham determinadas práticas e crenças de linguagem.”. De forma a aproximar esse conceito à realidade universitária, nos parece seguro afirmar que comunidades acadêmicas e comunidades de fala têm bastante em comum. Além de ambas compartilharem determinadas práticas e crenças de linguagem - línguas de instrução no ensino, de publicações, em interações nos âmbitos burocráticos da instituição - elas se constituem a partir de pessoas com objetivos e demandas linguísticas relativamente similares. Essas pessoas alcançam sucesso acadêmico a partir de práticas linguísticas comuns e se veem cada vez mais confrontadas com a consistente e presente necessidade de línguas adicionais. Assim, o termo comunidade neste trabalho passa a ter acepção dupla: acadêmica e de fala.

¹⁵ No original: “Admittedly, there is no doubt that theoretical explorations on linguistic systems and their resemblances with ecological systems can promote multilingual awareness or trigger a holistic view on human-nature interactions.” (CHEN, 2016, p.13)

Nesta seção, as diferentes ações promovidas ou recebidas pela universidade, que envolvem língua e que culminam na internacionalização da UFRGS, são descritas.

3.1 Disciplinas da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras

O Instituto de Letras da UFRGS oferece - para ambos cursos de graduação, Licenciatura e Bacharelado, e através do Departamento de Línguas Modernas e do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - disciplinas de línguas adicionais obrigatórias e eletivas, que variam dependendo da língua adicional que o aluno escolheu estudar¹⁶. As disciplinas são oferecidas dos níveis básico a avançado, seguindo a numeração de I a VIII, sendo I a cadeira mais básica e VIII a mais avançada.¹⁷ Entre as línguas adicionais oferecidas na graduação, estão Alemão, Espanhol, Francês, Grego Clássico, Inglês, Italiano, Japonês, Latim e Libras. A tabela 1, abaixo, demonstra a relação entre a língua escolhida, o curso de licenciatura e bacharelado, e, no centro, as disciplinas que o aluno deve obrigatoriamente cursar¹⁸:

Língua	Licenciatura simples em uma língua adicional	Licenciatura dupla em português e uma língua adicional	Bacharelado em português e uma língua adicional
Alemã	I a VIII	I a VI	I a VIII
Espanhola	I a VIII	I a VI	I a VIII
Francesa	I a VIII	I a VI	I a VIII
Gregã	-	I a VI	-
Inglês	I a VIII	I a VI	I a VIII
Italiana	I a VIII	I a VI	I a VIII
Japonesa	-	-	I a VIII
Latina	-	Elementos de Latim I, II, Latim I a IV	-
Brasileira de Sinais (LIBRAS)	-	-	I a VI

¹⁶ Para mais informações, acesse: <https://goo.gl/2gpEYv>

¹⁷ Todas as línguas oferecidas na universidade começam pelo nível básico, com exceção do inglês, que começa do pré-intermediário. Caso o aluno necessite do nível básico, as cadeiras Fundamentos do Inglês I e II são oferecidas.

¹⁸ Independentemente da língua escolhida para a graduação, o aluno pode se inscrever nas disciplinas de outras línguas como eletivas.

TABELA 1 - RELAÇÃO LÍNGUAS, CURSOS E DISCIPLINAS DO CURRÍCULO DO CURSO DE LETRAS

Além das cadeiras de línguas, outras se valem de línguas adicionais como meio de instrução, o que é o caso das cadeiras de cultura e de literatura, didática e estágio de docência em língua adicional, de acordo com o currículo dos bacharelados e licenciandos.¹⁹

O Programa de Pós-Graduação em Letras também vem oferecendo disciplinas que usam línguas adicionais como língua de instrução nos últimos anos, como demonstra a tabela a seguir. Ela está organizada de acordo com a língua em que a disciplina foi oferecida, o semestre e a própria disciplina.

Língua	2016/2	2017/1	2017/2	2018/1
Inglês	“Diálogos Interliterários e Transposições Textuais nas LEM”, “Literaturas Estrangeiras Modernas e os Media I: Narrative Studies in Literature and Film”	“Literaturas Estrangeiras Modernas e os Media II” e “Literatura e História nas LEM I”.	“Diálogos interliterários e transposições textuais nas LEM” e “Configurações do Real e do Imaginário nas LEM: Victorianism” e	“Configurações do Real e do Imaginário nas LEM”, “Diálogos Interliterários e Transposições Textuais nas LEM” e “Leituras Dirigidas: Lendo Coetzee”
Espanhola	-			“Leituras Dirigidas: Eugenio Granell y Camilo José Cela, surrealismo e hispanidad”
Alemã	-		“Literaturas Estrangeiras Modernas e os Média I: encenação autoral e textual” e “Tendências Teórico-críticas nas Literaturas Estrangeiras Modernas”	
Francesa	“Tendências Teórico-críticas nas LEM: Seminário de Pesquisa”.			

¹⁹ Fonte: http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=334

TABELA 2 - RELAÇÃO DISCIPLINAS, SEMESTRE E LÍNGUAS EM QUE DISCIPLINAS FORAM MINISTRADAS

3.2 Programa Idiomas sem Fronteiras²⁰

O programa Idiomas sem Fronteiras, promovido pelo Ministério de Educação (MEC) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é um programa nacional cujo principal objetivo é “promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do Ensino Superior brasileiro, valorizando a formação especializada de professores de línguas estrangeiras”²¹. O programa se constitui a partir de três módulos principais, descritos abaixo, a saber: aulas presenciais, cursos online e testagem de línguas, todos oferecidos gratuitamente (ABREU-E-LIMA *et al.*, 2016).

As aulas presenciais, oferecidas em diversas línguas a toda a comunidade acadêmica - alunos, professores e servidores técnico-administrativos - são ministradas por graduandos ou graduados nos cursos de Letras das IES brasileiras. Assim, o programa oferece residência docente para professores em formação inicial ou continuada, capacitando profissionais para a internacionalização, que ensinam língua adicional na modalidade acadêmica, em sua maioria. Vale mencionar que para o aluno ter aulas presenciais, no caso da língua inglesa, ele deve fazer uma prova de nivelamento: a prova de proficiência TOEFL ITP, descrita na seção seguinte, ou o nivelamento de um curso de inglês online²².

Os cursos online são também de acesso a toda a comunidade universitária, igualmente oferecidos em diversas línguas. Além disso, são oferecidos com diferentes propósitos; tomando o inglês como exemplo, há cursos de inglês geral e com fins específicos, como a preparação de testes de proficiência. Eles contam também com tutoria presencial e a distância, dependendo das línguas que são oferecidas nos Núcleos de Línguas (NuLi) das IES federais brasileiras²³. A tabela 2, abaixo, explicita a relação das línguas e os cursos oferecidos nas modalidades presencial e online nos NuLis do país no ano de 2018.

²⁰ Para mais informações, acesse: <https://goo.gl/Ez7MzV>

²¹ Fonte: <https://goo.gl/Ez7MzV>

²² Para mais informações, acesse: <http://isf.mec.gov.br/idiomas/ingles#curso-online-ingles>

²³ Para ver quais universidades oferecem quais línguas, acesse: <https://goo.gl/cASpSH>

Língua	Modalidades
Alemã	curso presencial, curso online ²⁴ ;
Espanhola	curso presencial;
Francesa	curso presencial;
Inglesa	curso presencial, curso online auto-instrucional ²⁵ , curso online;
Italiana	curso presencial, curso online ²⁶ ;
Japonesa	curso presencial;
Português como Língua Adicional	curso presencial;

TABELA 3 - RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E MODALIDADES DE CURSO (ISF)²⁷

Além de cursos presenciais e online, há também testagem de línguas. Notadamente, nos últimos anos, o TOEFL ITP, teste de proficiência em língua inglesa, foi amplamente aplicado pelas IES brasileiras (ABREU-E-LIMA *et al.*, 2016), e com destaque especial para a UFRGS, comentado a seguir.

A UFRGS se configura como um dos maiores Núcleos de Língua (NuLi) do programa no território nacional. Tendo iniciado suas atividades em 2013, em 2016 já havia oferecido 22.751 provas de proficiência TOEFL ITP, nas quais 15.570 se inscreveram e 7.919 tiveram suas provas corrigidas (WELP, FONTES, SARMENTO, 2016). Além disso, em 2016 o NuLi UFRGS teve potencial para acolher 1.100 alunos em cursos presenciais por vez, com seus vinte professores-bolsistas. Hoje, a instituição oferece cursos de inglês, francês, japonês, português como língua adicional, espanhol e alemão.²⁸

3.3 Programa de Português para Estrangeiros²⁹

²⁴ Para mais informações, acesse: <http://isf.mec.gov.br/idiomas/alemao#curso-online-alemao>

²⁵ Para mais informações, acesse: <http://isf.mec.gov.br/idiomas/ingles#curso-online-ingles>

²⁶ Para mais informações, acesse: <http://isf.mec.gov.br/idiomas/italiano#curso-online-italiano>

²⁷ Cabe ressaltar que este é o quadro disponível neste momento, de acordo com acesso em junho de 2018.

²⁸ Fonte: <https://goo.gl/cASPsH>

²⁹ Para mais informações, acesse: <http://www.ufrgs.br/ppe>

O Programa de Português para Estrangeiros (PPE) é um programa de extensão, fundado em 1993, que promove o ensino de português como língua adicional. Oferece seminários de formação de professores, desenvolve pesquisa e elabora materiais didáticos na área de Português como Língua Adicional (PLA) e promove intercâmbios com instituições de ensino nacionais e internacionais. Dessa forma, o objetivo geral do programa é promover a formação continuada de professores de PLA e contribuir para a expansão e o aprimoramento do ensino de PLA e da pesquisa na área. Alguns de seus objetivos específicos são oferecer cursos presenciais e a distância de PLA, literatura e cultura brasileira; aplicar o exame Celpe-Bras³⁰; promover intercâmbio com universidades brasileiras e estrangeiras que atuam na área de PLA; e contribuir para a internacionalização da UFRGS.

Nesse contexto, alunos da graduação e da pós-graduação do Instituto de Letras são, em sua grande maioria, os professores e pesquisadores bolsistas do programa; além destes, alunos dos cursos de graduação Teatro e Jornalismo também têm participação, oferecendo cursos interdisciplinares e mais avançados em docência compartilhada com os professores da Letras; juntos, totalizam um time de trinta professores por semestre. Esse grupo é coordenado por três professoras do Instituto de Letras da UFRGS especializadas na área de PLA.

Com relação aos cursos, são oferecidas turmas desde os níveis básicos aos mais avançados, formadas por grupos que vão de cinco a quinze alunos, para as quais os próprios professores elaboram material didático. Todos os alunos devem fazer um teste de nivelamento para ingressarem no nível mais adequado ao seu conhecimento prévio da língua portuguesa, e hoje o programa recebe de 250 a 300 alunos por semestre, em sua maioria provenientes de convênios entre a UFRGS e outras universidades.

De acordo com o site, o programa tem como público alvo:

- estudantes de universidades estrangeiras com convênios específicos com o PPE/UFRGS;
- estudantes estrangeiros em intercâmbio de graduação e pós-graduação na UFRGS;
- estudantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G);
- estudantes do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação (PEC-PG);
- estudantes em situação de migração com convênios com a UFRGS;
- estudantes brasileiros da UFRGS (graduação e pós-graduação) que tenham o português como língua adicional (estudantes de comunidades indígenas, quilombolas etc.) e que sejam ouvintes;
- outros estrangeiros interessados em aprender português (estrangeiros que possuam visto temporário, permanente ou de estudante – obtido através de programas de intercâmbios de graduação ou pós-graduação com outras instituições;
- candidatos ao Celpe-Bras;
- alunos de Letras e áreas afins interessados em formação de professores de PLA; e
- professores de PLA interessados em formação continuada de professores.

³⁰ O exame Celpe-Bras será descrito na subseção seguinte.

3.4 Instituto Confúcio³¹

O Instituto Confúcio é uma instituição chinesa sem fins lucrativos que promove ensino da língua e da cultura chinesas não só para a comunidade acadêmica da UFRGS mas também para o público em geral. Ele tem por missões ensinar a língua e a cultura chinesas, promover a amizade entre os povos, a diversificação cultural e a paz entre os países. Também, entre seus objetivos, o instituto busca despertar a curiosidade das pessoas a respeito da China e expandir a área de pesquisa de chinês e português para estrangeiros.

O Instituto foi fundado pela cooperação entre a UFRGS e a Universidade de Comunicação da China, com o suporte pedagógico, cultural e financeiro da sede matriz do Instituto Confúcio, localizada em Pequim. Dentro das ações promovidas pelo instituto, destacam-se o curso de língua chinesa, os exames de proficiência em mandarim (HSK e HSKK), cursos e atividades culturais, o programa de intercâmbio Summer Camp, recomendação de candidatos locais para bolsas de estudos na China e a competição internacional da língua chinesa *Chinese Bridge*.

3.5 Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão³²

O Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE) é um programa de extensão promovido pelo Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras e tem por objetivo oferecer cursos de línguas para a comunidade em geral. Atualmente, são oferecidos cursos de alemão, espanhol, francês, grego clássico, inglês, italiano, japonês, latim, português: escrita criativa e russo. Já foi anunciado no site do programa, também, o curso Fundamentos de Kaingang.

O programa se propõe como um espaço de formação continuada para professores tanto nos seus anos finais de graduação quanto na pós-graduação (SCHROEDER, RODRIGUEZ, GRAÇA, 2016). Com relação à sua justificativa, o NELE aponta que, frente à globalização, ao Mercosul e às necessidades do mercado de trabalho, a necessidade do conhecimento em línguas é reafirmado.

3.6 EDUFRGS³³

³¹ Para mais informações, acesse: <https://www.ufrgs.br/confucio/>

³² Para mais informações, acesse: <http://www.ufrgs.br/nele/>

³³ Para mais informações, acesse: <http://www.ufrgs.br/edufrgs> e <https://goo.gl/KT6gKn>

A Escola de Desenvolvimento de Servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EDUFRGS) entende-se como um espaço de concepção e de promoção de ações de aperfeiçoamento para os servidores da UFRGS. Objetiva promover a capacitação dos profissionais por meio de atividades de aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento pessoal e profissional do servidor. Nesse espaço, há o Programa de Idiomas, que tem por objetivo qualificar a atuação dos servidores da universidade colaborando para o seu desenvolvimento integral, de forma alinhada aos objetivos estratégicos da instituição. A EDUFRGS faz menção ao PDI da universidade e alinha os objetivos do Programa de Idiomas ao documento:

Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2016-2026), “a comunicação é uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento institucional”, sendo a comunicação um elemento-chave para a consecução dos objetivos de Inserção e Internacionalização deste Plano. Dessa forma, o desenvolvimento da competência COMUNICAÇÃO torna-se fundamental para os servidores da Universidade, a qual pode ser apoiada pela promoção de ações de aperfeiçoamento promovidas pela EDUFRGS em diferentes idiomas.³⁴

Por competências de comunicação em língua estrangeira, a EDUFRGS entende “ser capaz de interagir oralmente e por escrito, comunicando com clareza e precisão, informações e ideias relacionadas ao trabalho.”³⁵ O Programa de Idiomas oferta ações de aperfeiçoamento que contemplam os seguintes idiomas: alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.

3.7 Assistentes de Ensino de Língua Inglesa³⁶

Neste ano, quatro norte-americanos estão presentes nas atividades de ensino de língua inglesa na UFRGS³⁷ através do Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa (English Teaching Assistant - ETA) para Projetos Institucionais. Esse programa é realizado pela Capes em cooperação com a Comissão para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil, Comissão Fulbright, e traz norte-americanos de todas as regiões dos Estados Unidos ao Brasil para atuarem como assistentes de ensino de língua inglesa. Ao total, 120 deles atuam por nove meses em cursos de Letras de 40 instituições de ensino superior brasileiras. Para serem selecionados ao programa, eles devem ser recém-graduados em

³⁴ Fonte: <http://www.ufrgs.br/edufrgs/dqa/acoes-de-aperfeicoamento/programas/programa-de-idiomas>

³⁵ Fonte: <http://www.ufrgs.br/edufrgs/dqa/acoes-de-aperfeicoamento/programas/programa-de-idiomas>

³⁶ Fonte: <https://goo.gl/SdpRHQ>

³⁷ Fonte: <https://mailchi.mp/d490f809f2c4/the-english-muffin-edio-junho>

qualquer área do conhecimento ou com alguns anos de experiência profissional. Conforme descrito no site da CAPES, o perfil dos bolsistas e o propósito do programa são os seguintes:

Os assistentes de ensino de língua inglesa são cidadãos estadunidenses e falantes nativos. A atuação objetiva contribuir para a elevação da qualidade dos cursos de bacharelado e/ou licenciatura em Letras, Língua Inglesa, na perspectiva de valorizar a formação e a relevância social dos profissionais do magistério da educação básica.³⁸

A UFRGS vem aderindo ao programa ETA e recebendo bolsistas do programa desde 2014. Este ano, a universidade conta com quatro bolsistas, os quais vêm organizando uma série de atividades, como a publicação mensal de uma *newsletter*, eventos culturais - noite de jogos, sessões de cinema, celebrações de festividades estadunidenses - e palestras sobre suas experiências acadêmicas nos Estados Unidos³⁹.

3.8 Curso de Espanhol e Português para Intercâmbio⁴⁰

O Curso de Espanhol e Português para Intercâmbio (CEPI) é resultado de esforços conjuntos da UFRGS, da Universidad Nacional de Córdoba e da Universidad Nacional de Entre Ríos, com o apoio do Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da Nação da Argentina. Através de uma ação político-acadêmica de integração regional, o CEPI aborda questões relacionadas a interculturalidade, mobilidade acadêmica, metodologia de ensino de línguas próximas, e ensino e aprendizagem de línguas em contextos virtuais. O curso, de 50 horas, tem por objetivo preparar o aluno para o intercâmbio, antecipando situações de inserção e adaptação ao contexto acadêmico e cultural em um ambiente virtual.

O Curso tem como público-alvo alunos participantes do programa *Escala Estudiantil* de intercâmbio acadêmico das universidades que compõem a Asociación de Universidades del Grupo Montevideo (AUGM). Uma professora do Instituto de Letras UFRGS foi responsável pela criação da parte em Português do curso, e uma professora argentina da Universidad Nacional de Córdoba pela parte em Espanhol.

3.9 Curso Autoformativo de Português para Intercâmbio⁴¹

³⁸ Fonte: <https://goo.gl/P4uRoc>

³⁹ Fonte: <https://goo.gl/P4uRoc>

⁴⁰ Para mais informações, acesse: <https://www.ufrgs.br/cepi/sobre-o-cepi/>

⁴¹ Para mais informações, acesse: <https://www.ufrgs.br/capi/index.php?r=site/index>

O Curso Autoformativo de Português para Intercâmbio (CAPI) é um curso de Português online ainda em construção. Sediado na UFRGS, o CAPI é promovido pela Secretaria de Educação a Distância (SEAD), em conjunto com a Produção Multimídia para a Educação (NAPEAD) e com o PPE. Com propósitos similares aos do CEPI, descrito acima, o curso se pretende preparar alunos intercambistas para sua vida em Porto Alegre e na UFRGS.

O site apresenta três módulos: vou fazer intercâmbio, vou morar em Porto Alegre e vou estudar na UFRGS. Desses módulos, apenas o primeiro já apresenta tarefas sequenciadas; os restantes se encontram em construção.

3.10 Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Línguas Estrangeiras⁴²

A Comissão de Avaliação de Proficiência de Leitura em Línguas Estrangeiras (CAPLLE) é uma comissão vinculada ao Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras. Ela tem por objetivo oferecer provas de proficiência de leitura em língua estrangeira para candidatos a cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), alunos regularmente matriculados em Programas de Pós-Graduação (PPG) da UFRGS e para a comunidade em geral. Além disso, a CAPLLE também avalia a possibilidade de equivalência de outras provas de proficiência como substitutivas às provas da CAPLLE, nesse contexto exclusivamente para alunos dos PPG da UFRGS⁴³.

A comissão é composta por professores de alemão, espanhol, francês, italiano e inglês do IL. Com esse quadro de professores, que elaboram e corrigem as provas, elas são aplicadas duas vezes ao ano, em meados de agosto e de janeiro. O candidato pode optar por qualquer uma das línguas elencadas como opções no curso em que está matriculado. Alunos surdos, representados pelos seus PPGs, podem solicitar prova de leitura em PLA, e alunos estrangeiros são encaminhados ao exame Celpe-Bras.

3.11 Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros⁴⁴

O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é o único teste de proficiência em português como língua adicional reconhecido pelo governo brasileiro. Desenvolvido pelo Ministério de Educação e Cultura, e com apoio do Ministério de

⁴² Para mais informações, acesse: <http://www.ufrgs.br/caplle/>

⁴³ Para conferir o sistema de equivalência, acesse o site <http://www.ufrgs.br/caplle/equivalencia.html>

⁴⁴ Para mais informações, acesse: <https://goo.gl/rzbheP> e <https://goo.gl/yDe9HC>

Relações exteriores, as provas são realizadas em postos aplicadores, IES brasileiras e no exterior: representações diplomáticas e missões consulares do Brasil, centros e institutos culturais brasileiros e estrangeiros e instituições interessadas na promoção e difusão da Língua Portuguesa podem ser autorizadas a aplicar a prova.

Internacionalmente, o certificado é aceito em empresas e instituições de ensino como comprovação de competência na língua portuguesa. No Brasil, é comumente exigido pelas universidades para ingresso em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, assim como para validação de diplomas de profissionais estrangeiros que têm por intenção trabalhar no país.

Na UFRGS, o PPE é responsável pela aplicação do Celpe-Bras.

3.12 *Hanyu Shuiping Kaoshi*⁴⁵

Os exames oficiais Hanyu Shuiping Kaoshi (HSK e HSKK) são testes de proficiência de língua chinesa reconhecidos oficialmente pelo governo chinês, pelas universidades e pelas empresas do país. O primeiro teste mede a habilidade dos aplicantes em se comunicar na língua chinesa em três contextos: o cotidiano, o acadêmico e o profissional. O HSK apresenta três seções: de compreensão auditiva, leitura e escrita.

Já o HSKK é um teste que mede exclusivamente a compreensão auditiva e fala dos estudantes de língua chinesa. Ele está dividido nos níveis básico, intermediário e avançado. O Instituto Confúcio na UFRGS é responsável pelas inscrições e aplicações dessas provas.

3.13 *Test of English as a Foreign Language*⁴⁶

O *Test of English as a Foreign Language (TOEFL) Institutional Testing Program (ITP)*⁴⁷ é um teste de proficiência em língua inglesa amplamente aplicado pelas IES brasileiras nos últimos anos (ABREU-E-LIMA *et al.*, 2016). Em formato de papel e todo em múltipla escolha, visa avaliar a proficiência acadêmica de falantes não nativos do inglês. O teste é composto por três seções: compreensão auditiva, estrutura e expressão escrita e leitura.

⁴⁵ Para mais informações, acesse: https://www.ufrgs.br/confucio/hsk_e_hskk/

⁴⁶ Para mais informações, acesse: https://www.ets.org/toefl_itp

⁴⁷ Teste de Inglês como uma Língua Estrangeira (TOEFL) Programa de Testagem Institucional (ITP), em Português (traduções minhas).

A UFRGS é Centro Aplicador credenciado pela MasterTest para aplicar provas de proficiência TOEFL ITP desde 2013 (WELP, FONTES, SARMENTO, 2016), através de seu NucLi.

3.14 *Certificado de Español Lengua y Uso*⁴⁸

O *Certificado de Español Lengua y Uso* (CELU) é um teste de proficiência em língua espanhola reconhecido pelo Ministério de Educação da República da Argentina. Ele avalia a competência linguística comunicativa oral e escrita do espanhol como língua adicional. O Setor de Espanhol do Instituto de Letras se responsabiliza pelas inscrições e aplicações da prova.

3.15 *Empresa Júnior de Tradução e Revisão do Bacharelado em Letras*⁴⁹

Fundada em 2018, a Empresa Júnior Textualiza está dando seus primeiros passos na realização de trabalhos de revisão e tradução para as seguintes línguas adicionais: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e japonês. Seu corpo profissional é composto de alunos do curso de Bacharelado em Letras. A Empresa procura ajudar na capacitação e desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, futuros tradutores e revisores; tem por missão “proporcionar, de forma colaborativa, experiências profissionais e de autogestão aos membros, de forma a cultivar um espaço de reflexão e debate” sobre o futuro desses empreendedores como profissionais do texto.

3.16 *Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva*⁵⁰

O Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET) é vinculado ao Instituto de Letras UFRGS, promove eventos, palestras e oficinas, abriga grupos de estudo, e publica periódicos na área de tradução. O núcleo trabalha com temas variados, como tradução técnica e especializada, revisão de textos e de tradução, interpretação, legendagem, tradução literária, entre muitos outros. Seu objetivo é divulgar e promover os estudos de tradução no Instituto de Letras, na universidade e na comunidade como um todo. Essas metas são

⁴⁸ Para mais informações, acesse: <https://goo.gl/PYvUQF> e <http://www.celu.edu.ar/>

⁴⁹ Para saber mais, acesse: <https://www.facebook.com/pg/TextualizaJr/about/>

⁵⁰ Para saber mais, acesse: <http://www.ufrgs.br/net/sobre>

alcançadas através das diferentes atividades acadêmicas promovidas: cursos de extensão, palestras e seminários, da publicação e da formação qualificada dos profissionais na área.

3.17 Jornada de Políticas Linguísticas para a Internacionalização⁵¹

Durante o ano de 2017, oito sessões das Jornadas de Políticas Linguísticas para a Internacionalização foram oferecidas para docentes e servidores da UFRGS. As jornadas tinham por objetivo “discutir o conceito de PL e de sua relação com a internacionalização da universidade; apresentar um panorama do que já existe e do que está sendo construído na UFRGS em termos de ações relativas a PL e levantar sugestões para novas ações e diretrizes de PL.”⁵²

O principal resultado esperado, portanto, foi o levantamento de sugestões para a construção de políticas linguísticas voltadas para a internacionalização da UFRGS. Tal levantamento foi feito de forma colaborativa e compartilhada por todos aqueles que frequentaram as jornadas: docentes e técnicos administrativos que representam as diferentes instâncias e áreas da comunidade acadêmica. Para desempenhar essa tarefa, os participantes deveriam preencher um quadro contendo objetivos gerais, objetivos específicos e ações.

Algumas das sugestões obtidas através das professores ministrantes nas jornadas, especialmente aquelas que propunham ações que têm relação direta com as línguas, são apresentados a seguir:

- Institucionalizar espaços de reflexão e gestão de políticas linguísticas voltadas para a internacionalização através da criação de uma assessoria junto à Secretaria de Relações Internacionais (RELINTER);
- Criar uma assessoria linguística que preste serviços remunerados de tradução, revisão textual, tutoria para a produção de gêneros acadêmicos (artigos, resumos, apresentações orais) à comunidade acadêmica;
- Sinalizar as placas de todos os setores da universidade em português, inglês e espanhol;
- Criar um centro de acolhimento e orientação aos alunos estrangeiros, viabilizando tutores que se dispõem a auxiliá-los com a procura por moradia, obtenção de CPF, matrículas no sistema da universidade, etc.;
- Desenvolver uma política de incentivo aos professores da UFRGS que optarem por ministrar suas aulas em inglês e em outros idiomas;

⁵¹ Para saber mais, acesse: <https://goo.gl/iEitGu>

⁵² Fonte: <https://goo.gl/iEitGu>

- Incorporar disciplinas em línguas adicionais ao currículo dos diferentes cursos de graduação e pós-graduação, de caráter obrigatório e eletivo.

4 DISCUSSÃO

As IES brasileiras são, de fato, universos de ações e de políticas linguísticas voltadas para a internacionalização. Diferentes grupos de pessoas, em diferentes momentos e com diferentes propósitos, engajaram em esforços deliberados para possibilitar ações institucionais que envolvem língua e que culminam na internacionalização. No entanto, mesmo neste contexto de pluralidade, alguns destaques e algumas aproximações são possíveis e comentadas a seguir, revelando o que há de comum e particular nas ações descritas.

Entre as ações voltadas para o ensino de línguas presencial, é notável o papel que o Instituto de Letras, seus professores, departamentos e programas, ocupam no processo de internacionalização da UFRGS, por centralizar ou ser a base da maioria das ações descritas. Nesse contexto, percebe-se uma forte presença de formação de profissionais, seja de professores nos programas IsF, PPE, NELE e nas próprias disciplinas da graduação, seja de tradutores na Empresa Júnior de tradução. Parece haver sempre um espaço destinado a essas discussões e eventos de formação, até mesmo com a presença dos ETAs, que vêm colaborar com o ensino de línguas e formar professores de línguas qualificados.

Com relação ao ensino a distância, tivemos descritos os cursos oferecidos pelo IsF e, notadamente, o CAPI e o CEPI, de Português como Língua Adicional para fins explícitos de internacionalização. Essa mesma natureza explícita está presente no IsF, PPE, NELE, ETAs e Instituto Confúcio, que fazem menções ao suporte à internacionalização, à integração do ensino com dimensões internacionais e interculturais, seguindo as tendências globais, e alinhando-se às definições de globalização e internacionalização de Knight (2008).

No que concerne testagem de línguas, o vestibular da UFRGS abarca as ideias e valores da universidade, como evidenciado no PDI, oferecendo cinco línguas adicionais entre as quais os candidatos devem escolher. A CAPLLE tem uma preocupação específica com a pós-graduação, oferecendo testes de proficiência em leitura em língua adicional para alunos ingressantes na pós-graduação na UFRGS. A CAPLLE direciona alunos estrangeiros para o Celpe-Bras, outra iniciativa de destaque para a internacionalização que funciona como único teste de proficiência nacionalmente aceito nas IES brasileiras. Além desses, as provas HSK e HSKK do governo chinês são aplicadas pelo Instituto Confúcio, uma organização internacional, revelando parcerias entre os governos chinês e brasileiros; o mesmo acontece com a prova

CELU, que representa uma parceria com universidades argentinas - ambos como modalidades de internacionalização apresentados por Knight (2008). Em especial, o TOEFL ITP foi amplamente aplicado no Brasil, estando à disposição dos alunos, docentes e técnicos das universidades federais e servindo como porta de entrada para diversas oportunidades de mobilidade e ingresso em Programas de Pós-Graduação brasileiros.

Destacam-se também as ações que envolvem tradução, tanto pela Empresa Júnior, que está começando a prestar seus serviços à comunidade, quanto pelo NET, que é formado por professores universitários mais experientes. Além disso, as Jornadas de Políticas Linguísticas voltadas para a Internacionalização foram explicitamente voltadas a esse processo, e tiveram por objetivo conscientizar a comunidade acadêmica, representada por seus docentes e técnicos-administrativos, da importância das línguas adicionais na internacionalização. As contribuições dos seus participantes, interessadamente, ora já são desempenhadas (como um centro de estudos de tradução, como o caso do NET), ora são sugestões conscientes e dispostas à internacionalização.

Dessa forma todas as ações descritas convergem para a internacionalização da UFRGS. Vale notar, porém, que elas não acontecem isoladamente. Ocupando e compondo o mesmo ambiente, elas podem se sobrepor, como, por exemplo, cursos preparatórios (ensino) para o TOEFL ITP ou para o Celpe-Bras (testagem de línguas). Isso também ilustra a natureza orgânica e espontânea das ações descritas, sendo promovidas e mantidas por diferentes agentes que compõem nossa comunidade acadêmica. Dessa forma, percebe-se como a internacionalização se dá na UFRGS: de forma caótica e não-linear, fruto de debates recentes e frequentes, atendendo a demandas internacionais, e ao mesmo tempo investindo em locais, promovendo ações de Internacionalização em Casa. Estas últimas têm o impacto de contribuir, cada vez mais, com o estabelecimento de contextos multilíngues que melhor preparem os alunos da universidade para um mundo globalizado, constituindo uma comunidade acadêmica ou de fala ainda mais heterogênea e plural. Assim, alunos, professores e servidores se capacitam e desenvolvem competências e habilidades internacionais e interculturais, linguísticas e pessoais; como consequência, também se poderá melhor receber alunos internacionais e criar um ambiente mais acolhedor linguisticamente.

Além disso, os objetivos e as responsabilidades do ensino superior e da internacionalização podem ser retomados: buscar não só a qualidade do ensino superior, mas também partilhar da responsabilidade por pautas globais e de interesse do bem comum, tendo a internacionalização não como fim, mas como meio para se atingir um fim. Assim, através de ações voltadas para a internacionalização, os alunos, professores e técnicos das IES podem

tornar-se catalisadores de mudança nas suas áreas de conhecimento e, de fato, cumprir com os compromissos do ensino terciário e das demandas da globalização.

4.1 Limitações

Dada a natureza deste trabalho de conclusão de curso, ele não pôde alcançar todas ações que impactam na internacionalização desta comunidade. O número de publicações em língua inglesa, como antes já dito, por exemplo, assim como o número de disciplinas de graduação e pós-graduação oferecidos tendo línguas adicionais como línguas de instrução também não pôde ser medido. Portanto, este trabalho não pôde, nem teve a pretensão de, descrever todas as ações da universidade, que envolvem língua e que são voltados para ou que culminam na internacionalização.

Além disso, este trabalho tomou por base os dados escritos e publicados em sites institucionais. No entanto, muitas vezes o que está escrito não é o que de fato acontece; nos diferentes estágios das políticas, entre elaboração e prática, pode haver um universo de diferenças (SPOLSKY, 2004; BOWE, BALL, GOLD, 1992). Assim, embora esforços tenham sido empregados em descrever as ações a partir dos sites, elas podem não refletir as práticas correntes, reais, *de facto* (SHOHAMY, 2006).

5 CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a descrever algumas ações voltadas para ou que culminam diretamente na internacionalização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As que envolvem ensino, testagem de línguas, iniciativas do corpo docente e discente foram descritas a partir de sites institucionais e publicações, sendo também discutidas. Elas foram escolhidas por estarem presentes durante diferentes momentos da minha trajetória acadêmica, compondo este trabalho de conclusão de curso. Por fim, uma breve discussão foi conduzida aproximando pontos em comum entre as ações, e ressaltando pontos relevantes ao escopo deste trabalho.

Espera-se que ao trazer essas ações para a discussão, imbuída de um olhar teórico, este estudo possa contribuir com a elaboração de uma política linguística institucional que contemple e oriente as ações correntes ao passo que promova a criação e elaboração de ações futuras

6 REFERÊNCIAS

ABREU-E-LIMA *et al.* O Programa Inglês sem Fronteiras e a Política de Incentivo à Internacionalização do Ensino Superior Brasileiro. In: SARMENTO *et al.* (Org.) **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p.19-46

ALPERIN, Juan Pablo. Brazil's exception to the world-class university movement. In: WILLIAMS, James (Org.) **Quality in Higher Education**, Volume 19, número 2. Londres: Routledge, 2013, p.158-172.

BOWE, R.; BALL, S.; GOLD, A. The Policy process and the processes of policy. In: **Reforming education & changing schools: case studies in policy sociology**. Londres: Routledge, 1992, p. 6-23

BAUMVOL, SARMENTO. Languages and Internationalization of Higher Education: An analysis of FAUBAI Conferences. Faubai.org. Disponível em: http://www.faubai.org.br/conf/2018/submissions/modules/request.php?module=oc_program&action=view.php&id=47&file=1/47.pdf&c=1> Acesso em: 05 jul. de 2018

CHEN, Sibó. Language and ecology: A content analysis of ecolinguistics as an emerging research field. In: **Ampersand: An International Journal of Applied Linguistics**. Elsevier. Volume 3, 2016, p. 108-116.

DAFOUZ, Emma, SMIT, Ute. Towards a Dynamic Conceptual Framework for English-Medium Education in Multilingual University Settings. In: **Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 1–20.

FERGUSON, Charles. Sociolinguistic settings of language planning. In: J. Rubin, B.H. Jernudd, J. Das Gupta, J. A. Fishman and C. A. Ferguson (eds), **Language Planning Processes**. The Hague: Mouton Publishers. 1977, p.9-30.

GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. **ReVEL na Escola: do que tratam as políticas linguísticas?** ReVEL, volume 14, n. 26, 2016, p.1-19

GARNER, Mark. Language Ecology as Linguistic Theory. In: **Kajian Linguistik dan Sastra**, Vol. 17, No. 33, 2005, p. 91-101

HAUGEN, Einar. **The Ecology of Language**, Redwood City, CA: Stanford University Press, 1972.

KNIGHT, Jane. **Higher Education in Turmoil: The changing World of Internationalization**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

SARMENTO *et al.* **ISF e Internacionalização: da teoria à prática**. In: SARMENTO *et al.* (Org.) *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p.77-100.

SCHROEDER, Daniela; RODRIGUEZ, Monia; GRAÇA, Rosa. **Pesquisa-ação: Cultura em sala de aula de línguas no NEL**. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras – UFRGS: 2016

SHOHAMY, Elana. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. Oxon: Routledge. 2006.

SPOSLKY, Bernard. **Language Policy**. United Kingdom: Cambridge University Press. 2004

TEEKENS, Hanneke. **Internationalisation at home – Crossing other borders**. University World News, número 276, 2013. Disponível em <<https://goo.gl/QnVBFe>>

TESSLER, L. R. **Going global 4 - World potential - making education meet the challenge**. Mesa-redonda de abertura. 2010. Disponível em: <<http://youtu.be/E7xvogSH0iY>>. Acesso em: 02 abr. de 2018

UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI 2016-2020: Construa o futuro da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pdi/PDI_2016a2020_UFRGS.pdf> Acesso em: 07 de fev. de 2018.

WELP, FONTES, SARMENTO. **O Programa Idiomas sem Fronteiras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** In: SARMENTO *et al.* (Org.) *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 125-147.